

YACHAY ADHIERE A UNA LICENCIA CREATIVE COMMONS

ATTRIBUTION-NONCOMMERCIAL 4.0  
INTERNATIONAL – (CC BY-NC 4.0)



DOI: <https://doi.org/10.35319/yachay.202582178>

## **Caminhar na esperança, marca do povo de Deus. Análise de Rm 5,1-5**

## **Walking in hope, mark of the People of God. Analysis of Rom 5,1-5**

## **Caminar en la esperanza, sello del pueblo de Dios. Análisis de Rom 5,1-5**

*Waldecir Gonzaga<sup>1</sup>*

*Marcelo Lessa<sup>2</sup>*

### **Resumo**

Em tempos em que se percebe um mundo desorientado, com pessoas desiludidas, sociedades sem rumo, torna-se urgente e necessário falar de esperança. Uma Igreja que se faz peregrina na esperança pode apontar para o mundo um novo caminho, ou melhor, uma retomada de trajetória rumo a tempos mais promissores. É justamente este assunto que este estudo aborda a partir da reflexão paulina relatada em Rm 5,1-5. O objetivo é tratar o tema a partir do termo “*ἐλπίς/esperança*” propriamente dito dentro da perícope de Rm 5,1-5, suas implicações dentro da comunidade de Roma e, obviamente, da Igreja dos primeiros séculos. A relação da ação trinitária com a esperança cultivada pelos cristãos romanos é mais um passo dado no decorrer desta investigação. Este estudo ainda examina os frutos gerados pela vida na esperança, observando os termos utilizados por Paulo para nomear cada dimensão vivida a partir da perseverança dos crentes. Para a produção deste estudo, utiliza-se alguns passos do método Histórico-Crítico (diacrônico), cuidando da segmentação e da tradução

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil.

da perícope, bem como da análise crítica. A etapa seguinte é a aplicação do método da Análise Retórica Bíblica Semítica (sincrônico) para que seja possível identificar elementos linguísticos marcantes na constituição do texto assim como se apresenta em sua estrutura. Na sequência do estudo técnico, apresenta-se uma reflexão exegético-teológica, enfatizando o tema da esperança que a Igreja celebra neste Ano Jubilar (2025), levantando algumas possibilidades de reflexão da peregrinação esperançosa de todo o Povo de Deus tendo como sustento a Sagrada Escritura.

### **Palavras-chave**

Esperança – perseverança – Ano Jubilar – amor – romanos

### **Abstract**

In times when the world seems disoriented, with disillusioned people and aimless societies, it becomes urgent and necessary to speak of hope. A Church that journeys in hope can point the world toward a new path, or rather, a resumption of its trajectory toward more promising times. This is precisely the subject addressed in this study, based on the Pauline reflection found in Rom 5:1-5. The objective is to explore the theme through the term “*έλπις*/hope” within the pericope of Rom 5:1-5, examining its implications for the community in Rome and, of course, for the early centuries of the Church. The relationship between Trinitarian action and the hope cultivated by the Roman Christians is another step taken in the course of this investigation. This study also examines the fruits borne through a life grounded in hope, observing the terms Paul uses to describe each dimension experienced through the perseverance of believers. For the production of this study, some steps of the Historical-Critical method are used (diachronic), taking care of the segmentation and translation of the pericope, as well as critical analysis. The next step involves applying the Semitic Biblical Rhetorical Analysis (synchronic) method to identify distinctive linguistic elements in the composition of the text as well as its structural framework. Following the technical study, an exegetical-theological reflection is presented, emphasizing the theme of hope that the Church celebrates in this Jubilee Year (2025). It raises possibilities for reflecting on the hopeful pilgrimage of all the People of God, sustained by Sacred Scripture.

### **Key words**

Hope – perseverance – Jubilee Year – love – Romans

## Resumen

En tiempos en que se percibe un mundo desorientado, con personas desilusionadas y sociedades sin rumbo, se vuelve urgente y necesario hablar de esperanza. Una Iglesia que se hace peregrina en la esperanza puede señalar al mundo un nuevo camino, o mejor dicho, una reanudación de la trayectoria hacia tiempos más promisorios. Precisamente este es el tema que aborda este estudio a partir de la reflexión paulina relatada en Rom 5,1-5. El objetivo es tratar el tema a partir del término “*ἐλπίς*/esperanza” propiamente dicho dentro de la perícopa de Rom 5,1-5, sus implicaciones dentro de la comunidad de Roma y, obviamente, de la Iglesia de los primeros siglos. La relación de la acción trinitaria con la esperanza cultivada por los cristianos romanos constituye otro paso en el desarrollo de esta investigación. Este estudio examina además los frutos generados por la vida en la esperanza, observando los términos utilizados por Pablo para nombrar cada dimensión vivida a partir de la perseverancia de los creyentes. Para la elaboración de este estudio, se emplea el método Histórico-Crítico (diacrónico), utilizando algunas de sus etapas, atendiendo a la traducción de la perícopa y al análisis crítico resultante. La siguiente etapa consiste en la aplicación del método de Análisis Retórico Bíblico Semítico (sincrónico) para identificar elementos lingüísticos destacados en la constitución del texto, así como su estructura. Tras el estudio técnico, se presenta una reflexión exegético-teológica, enfatizando el tema de la esperanza que la Iglesia celebra en este Año Jubilar (2025), planteando algunas posibilidades de reflexión sobre la peregrinación esperanzada de todo el Pueblo de Dios, sustentada en la Sagrada Escritura.

## Palabras claves

Esperanza – perseverancia – Año Jubilar – amor – romanos

## Introdução

Vivemos em uma época em que a desesperança parece ditar os rumos da humanidade. Conflitos armados, guerras comerciais, fome, miséria, migração em massa, crise socioambiental, negacionismo, fundamentalismo religioso, intolerância com o sagrado alheio são comportamentos e situações que podem nos levar a perder a crença na humanidade que significa, efetivamente, a perda da crença em nós mesmos. Há um vazio de sentido que tem tomado conta do ser humano contemporâneo, deixando-o empanzinado de um gigantesco nada. Na fidelidade à missão da Igreja de trazer esperança ao mundo em qualquer

circunstância, o Papa Francisco decretou o ano de 2025 como Ano Jubilar, tendo a esperança como tema e usando como texto bíblico uma referência tomada da Carta aos Romanos (Rm 5,1-5), um dos textos do epistolário paulino<sup>3</sup>.

Procurando estar em sintonia com o momento da Igreja, este estudo propõe justamente uma reflexão debruçada sobre a perícope de Rm 5,1-5. O tema da esperança atravessa toda a Carta aos Romanos, mas é na perícope citada que o tema é introduzido. Se o Papa Francisco propôs uma evangelização que aponte um caminho de esperança diante de um mundo em crise de identidade (SnC 4-5)<sup>4</sup>, Paulo não está sob um contexto muito diferente. O Apóstolo escreve a carta mais longa e mais cuidadosamente redigida entre suas obras para uma comunidade teologicamente madura e bem fundamentada, mas que enfrentava um problema comum a outras igrejas irmãs: a defesa de judeus-cristãos em relação às “obras da lei” se opondo aos “gentios-cristãos”, que defendiam a salvação unicamente pela adesão da fé em Jesus, sem a obrigatoriedade das “obras da lei”<sup>5</sup>. É por esse motivo que Paulo dedica os primeiros quatro capítulos da Carta aos Romanos ao tema da justificação pela fé, para combater os judaizantes e suas “heresias”<sup>6</sup>.

Contudo, a comunidade de Roma não o conhecia pessoalmente e nem foi fundada por ele. Aliás, é uma comunidade que surge desde os primórdios do cristianismo, formada por cristãos que migraram para a capital do Império –provavelmente alguns que ouviram a pregação de Pedro no Pentecostes–, não sendo fruto de uma ação missionária planejada<sup>7</sup>. Trata-se, então, de uma comunidade muito antiga, pois Paulo, há muitos anos, já desejava visita-la (Rm 1,8-15; 15,22-29), bastante numerosa e influente, “celebrada em todo o mundo” (Rm 1,8), expressão que Paulo dificilmente usaria se estivesse escrevendo a um

<sup>3</sup> Waldecir Gonzaga, “O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento”, *Atualidade Teológica* 21, n. 55, (2017): 19-41, <https://doi.org/10.17771/PUCRIO.ATeo.2910019-41>; Waldecir Gonzaga, *Compêndio do Cânon Bíblico* (Rio de Janeiro, EdipUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019), 406-407; Waldecir Gonzaga, *O Cânon Bíblico do Novo Testamento* (Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025), 41-60.

<sup>4</sup> Francisco, “Bula de proclamação do Jubileu ordinário do ano 2025 *Spes non Confundit*”, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509\\_spes-non-confundit\\_bolla-giubileo2025.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html).

<sup>5</sup> Waldecir Gonzaga, *Os conflitos na Igreja primitiva entre judaizantes e gentios a partir das cartas de Paulo aos gálatas e romanos* (Santo André: Academia Cristã, 2015), 188-189.

<sup>6</sup> Günther Bornkamm, *Paulo, vida e obra* (Santo André: Academia Cristã, 2009), 192-193.

<sup>7</sup> Gonzaga, *Os conflitos na Igreja primitiva entre judaizantes e gentios...*, 191.

grupo muito pequeno e jovem<sup>8</sup>. A carta paulina, então, vai de encontro a uma realidade eclesial consolidada, estruturada, de uma comunidade respeitada no mundo cristão que nascia.

Há, no entanto, uma característica da igreja de Roma que se faz necessário destacar. Não existe, nas linhas iniciais da carta, o termo “ἐκκλησία/igreja”, tão costumeira nas saudações paulinas; por outro lado, a expressão “κατ’ οἴκον ἐκκλησίαν/igreja doméstica”, relacionada à comunidade familiar de Priscila (ou Prisca) e Aquila, aparece na saudação de fechamento da carta, em Rm 16,5. Esta particularidade da redação aliada à menção de vários outros núcleos familiares logo em sequência, sugere que a igreja de Roma, na verdade, não represente uma realidade monolítica, mas se trate de uma grande comunidade formada por várias igrejas domésticas que surgem nos bairros menos favorecidos da capital imperial<sup>9</sup>.

Embora as comunidades cristãs em Roma tenham suas raízes no judaísmo da Diáspora, houve um crescimento na adesão de gentios à fé cristã, incrementando o tamanho da Igreja local, especialmente quando os judeu-cristãos foram obrigados a deixar a cidade sob o decreto do imperador Claudio (49 d.C.), retornando apenas em 54 d.C., com a morte do imperador e a revogação de seu decreto. A lista de nomes que Paulo relaciona em Rm 16 evidencia essa adesão à fé cristã por parte de gentios que haviam se mudado para a capital<sup>10</sup>. Ainda assim, a influência judaica na teologia da igreja de Roma e sua estreita ligação com a igreja de Jerusalém permanecem.

Este tecido sociocultural e religioso é onde Paulo quer comunicar suas argumentações. Escrevendo a partir de Corinto, com os olhos fixos na viagem que pretende fazer até a Espanha (Rm 15,22-29) e com as questões da Galácia ainda fervilhando em sua cabeça, o Apóstolo redige a mais bem estruturada de suas cartas, mas sem a intenção exortativa presente em muitas outras. Paulo parece, na verdade, querer se fazer conhecer em vista de sua intenção de fazer estadia por alguns dias na igreja de Roma em virtude de sua viagem a

<sup>8</sup> Raymond. E. Brown, *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Paulinas, 2012), 740.

<sup>9</sup> Antonio Pitta, *Cartas paulinas* (Petrópolis: Vozes, 2019), 196-197.

<sup>10</sup> Maynard Eugene Boring, *Introdução ao Novo Testamento* (Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulinas, 2015), 486.

Jerusalém/Espanha<sup>11</sup>. Por isso, trata os mesmos temas abordados em Gálatas, mas de maneira repensada, sem aquele ímpeto dirigido aos irmãos da Galácia. Boring<sup>12</sup> chega a afirmar que Romanos é o primeiro comentário sobre Gálatas da história escrito pelo próprio autor.

Embora muitos temas sejam retomados de outras ocasiões e tratados na Carta aos Romanos –a justificação não somente mediante a fé; o envio do Filho de Deus em carne humana para a nossa redenção e o testemunho do Espírito no coração dos fiéis pela sua adoção; a Igreja como corpo único de Cristo na multiplicidade dos seus membros; o conflito que divide a comunidade romana<sup>13</sup>–, há um fio condutor, apontado por este estudo, que perpassa toda a carta: o trinômio justificação-esperança-amor divino. Para Paulo, o ser humano foi justificado, por isso vive na esperança; e vive na esperança porque o amor de Deus foi derramado em seu coração. Esta é a tônica de Rm 5,1-5. Em última análise, o que a perícope transmite ao leitor é a ideia de que tanto a justificação quanto a esperança que a comunidade vivencia são provenientes do amor de Deus.

A esperança, pois, não decepciona (Rm 5,5) porque a certeza do amor divino é a garantia da esperança cristã; não se trata de nosso amor por Deus, mas justamente do contrário, o amor incondicional de Deus pela humanidade<sup>14</sup>. Paulo conhece esse amor, e os cristãos romanos também. Por isso, a consequência maior da experiência desse amor divino é a vida na esperança. A esperança é fruto do amor derramado, não mais sobre os fiéis como no Antigo Testamento, mas nos corações dos que creem, na intimidade, como presença profunda<sup>15</sup> que produz uma relação de confiança e esperança na glória daquele que é Amor por excelência. Neste sentido, oferece-se aqui o texto grego, tradução, crítica textual e análise do mesmo, à luz da temática da esperança, *leitmotiv* deste ano jubilar de 2025.

<sup>11</sup> Brown, *Introdução ao Novo Testamento*, 743.

<sup>12</sup> Boring, *Introdução ao Novo Testamento*, 490.

<sup>13</sup> Bornkamm, *Paulo, vida e obra*, 168-169.

<sup>14</sup> Joseph A. Fitzmeyer, *Romans* (New York: Doubleday, 1993), 398.

<sup>15</sup> Romano Penna, *Carta a los Romanos* (Estella, Navarra: Verbo Divino, 2013), 528.

## 1. Análise exegética Rm 5,1-5

Para o trabalho exegético é necessário afrontar o texto na configuração da comunidade de fé em que foi formulado e identificar as palavras divinas expressas em palavras humanas. Não se pode perder de vista que a Escritura é antecedida pela Tradição que, além da doutrina, da vida e do culto, elenca e discerne quais livros são considerados e scritos sagrados. Tais textos geram efeitos nas leituras realizadas nas comunidades de fé. Por isso, a exegese bíblica parte da interpretação eclesial, pois é a Igreja quem determina a Escritura como palavra divina<sup>16</sup>. A Igreja, portanto, sempre preza pela garantia da verdade trazida nas Letras Sagradas, auxiliando o exegeta para que ele não deixe jamais de considerar em suas pesquisas o fato de a Bíblia ser o registro da autocomunicação de Deus para com a humanidade, como diz a *Dei Verbum* (DV 12)<sup>17</sup>:

Como Deus na Sagrada Escritura falou por meio de homens e à maneira humana, o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que ele quis comunicarF-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e aprouve a Deus manifestar por meio das palavras dele.

### 1.1. Segmentação e tradução

Como qualquer trabalho exegético, o ponto de partida para o estudo realizado é a investigação técnica do texto bíblico de Rm 5,1-5, em sua língua original, com sua respectiva tradução. O sistema de segmentação utilizado aqui permite realçar a beleza e as nuances redacionais, bem como o cuidado dispensado pelo autor na construção da obra. Detalhes fundamentais para o estudo, como expressões e vocábulos típicos, são percebidos a partir da aplicação desta técnica. Para tal, utiliza-se o texto do Novo Testamento de Nestle-Aland<sup>18</sup>, em sua 28<sup>a</sup> edição (NA28), bem como seu aparato crítico como referência principal na análise crítica do texto. A segmentação e a tradução são realizadas pelos autores deste estudo, auxiliados por léxicos, dicionários e gramáticas.

<sup>16</sup> María de Lourdes C. Lima, *Exegese bíblica: teoria e prática* (São Paulo: Paulinas, 2014), 18-20.

<sup>17</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II. "Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina" (São Paulo: Paulinas, 2017).

<sup>18</sup> Nestle-Aland, *Novum Testamentum Graece* (2012). Eberhard Nestle y Kurt Aland, eds., *Novum Testamentum Graece* (Stuttgart: Deustche Bibelgesellschaft, 2012).

Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως	v.1a	Justificados, pois, pela fé,
εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν θεὸν διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ	v.1b	temos paz junto a Deus, por meio do Senhor Nossa, Jesus Cristo,
δι’ οὗ καὶ τὴν προσαγωγὴν ἐσχήκαμεν [τῇ πίστει] εἰς τὴν χάριν ταύτην	v.2a	por meio do qual também temos acesso, [pela fé], a esta graça
ἐν ᾧ ἐστήκαμεν	v.2b	na qual permanecemos
καὶ καυχώμεθα ἐπ’ ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ θεοῦ.	v.2c	e nos gloriamos na <b>esperança</b> da glória de Deus.
οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν,	v.3a	E não somente, mas também nos gloriamos nas tribulações,
εἰδότες ὅτι	v.3b	sabendo que
ἡ θλῖψις ὑπομονὴν κατεργάζεται,	v.3c	a tribulação produz perseverança,
ἡ δὲ ὑπομονὴ δοκιμήν,	v.4a	e a perseverança ( <i>produz</i> ) caráter
ἡ δὲ δοκιμὴ ἐλπίδα.	v.4b	e o caráter ( <i>produz</i> ) <b>esperança</b>
ἡ δὲ ἐλπὶς οὐ κατασχύνει,	v.5a	e a <b>esperança</b> não decepciona
ὅτι ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν	v.5b	porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações
διὰ πνεύματος ἀγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν.	v.5c	dado a nós por meio do Espírito Santo.

Fonte: texto grego da NA28; tradução e tabela dos autores.

## 1.2. Notas de tradução e de crítica textual

- **v.1:** o verbo “ἔχω/ter”, na forma do presente do subjuntivo, *ἔχωμεν/que nós tenhamos*”, é atestado em  $\aleph^*$  A B\* C D K L 33. 81. 630. 1175. 1739\*, pm *lat* bo Mcion<sup>T</sup>. Porém, há outros manuscritos que concordam com a forma no presente do indicativo “ἔχομεν/temos”, como:  $\aleph^1$  B<sup>2</sup> F G P Ψ 0220<sup>vid</sup>. 104. 365. 1241. 1505. 1506. 1739<sup>c</sup>. 1881. 2464. 1846 *pm* vg<sup>mss</sup>. Aqui há um problema de definição do termo. A forma subjuntiva é atestada por unciais de primeira ordem, como o Sinaítico ( $\aleph$ ) e o Vaticano (B), por exemplo, de leitura original, e também por Orígenes<sup>lat</sup>, Gregório de Nissa, Crisóstomo, Teodoro, Cirilo, Hesíquio, Teodoreto, Ambrosiastro, Pelágio, Juliano de Eclano, Agostinho<sup>19</sup>; a forma do indicativo também é atestada pelos mesmos unciais ( $\aleph$  B), mas sendo manuscritos de primeira e segunda correção respectivamente. Ainda assim, o

<sup>19</sup> Samuel Pérez Millos, *Romanos. Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento* (Barcelona: Clie, 2011), 381.

texto da NA28 opta pela grafia do verbo no modo indicativo (“ἔχομεν/temos”). Isso porque, embora muitos exegetas antigos defendam a forma no subjuntivo (ἔχωμεν/que nós tenhamos”), a maioria dos estudiosos defende a forma no indicativo, por enfatizar a objetividade doutrinária da Carta aos Romanos, considerando a variante um problema fonético de ditado, já que ômega e *omicron* eram pronunciados de maneira praticamente idênticas no séc. I d.C<sup>20</sup>. Ademais, as variações apresentadas não oferecem alteração no sentido da oração. Sendo assim, concorda-se com a opção feita pelo texto da NA28.

- v.2: a expressão “τῇ πίστει/pela fé” está ausente nas testemunhas B D F G 0220 sa; Ambst. Nos códices  $\aleph^1$  A vg<sup>mss</sup> ela é substituída por “ἐν τῇ πίστει/na fé”. A grafia apresentada por NA28 [τῇ πίστει] é atestada pelos manuscritos  $\aleph^*.$  C K L P Ψ 33. 81. 104. 630. 1175. 1241. 1505. 1506. 1739. 1881. 2464 M lat, portanto, testemunhas igualmente antigas e de peso, além de ser a *lectio brevior*<sup>21</sup>. Merece destaque o fato de que como tanto a ausência como a presença estão bem atestadas pelos manuscritos, a opção do comitê central da NA28 foi trazer a variante em causa entre colchetes [τῇ πίστει], a fim de indicar uma certa dificuldade na decisão e a necessidade de ulteriores estudos e discernimento antes de se realizar uma opção definitiva pela ausência ou permanência no texto como sendo a possível leitura original. Fato é que a leitura “τῇ πίστει/pela fé” é de cunho paulino e faz sentido em todo o contexto do capítulo cinco bem como de toda a Carta aos Romanos.

- v.3: na expressão “οὐ μόνον δέ/ e não somente”, o códice Claromontano (D\*) traz a adição do pronome demonstrativo τοῦτο, transformando a sentença em “οὐ μόνον δέ τοῦτο/ e não somente isso”; nas testemunhas B 0220. 365, o verbo “καυχώμεθα/nos gloriamos” (presente do indicativo) é substituído por “καυχώμενοι/nos gloriando” (particípio presente – gerúndio); com apenas duas variações em pouquíssimos manuscritos, a forma adotada pela NA28 se impõe pelo peso dos manuscritos que a conservam, visto que eles “são pesados e não contados”<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Robert Jewett, *Romans* (Minneapolis: Fortress Press, 2006), 344.

<sup>21</sup> Waldecir Gonzaga, *A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia* (Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015), 221.

<sup>22</sup> Gonzaga, *A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia*, 222.

- **v.4:** embora o verbo κατεργάζομαι/*produzir, trabalhar*” não esteja presente neste versículo, optou-se por explicitá-lo aqui uma vez que ele aparece no versículo anterior (v.3) e rege todas as demais sentenças. Poderia substituí-lo por uma vírgula vicária, entretanto, para facilitar a leitura e compreensão mais clara do texto, decide-se por adicionar na tradução, ainda que o conservando entre parênteses (*produz*).

**-v.5:** embora a tradução literal do verbo καταισχύνω seja “envergonhar, desonrar”, opta-se pela tradução como “decepcionar” pelo valor semântico na oração. Aqui a esperança cristã não é algo que traga vergonha ou desonra justamente porque não decepciona<sup>23</sup>. Para que haja melhor concordância com o substantivo “ἐλπίς/*esperança*”, o uso do verbo com valor de decepção se faz mais adequado.

Ademais, as variantes apresentadas pelo aparato crítico não conferem alteração no sentido do texto, tampouco elementos que mereçam uma crítica mais aprofundada. Por esses motivos, optou-se por considerar integralmente o texto do NA28 para o trabalho de tradução e de análise do texto.

### 1.3. Delimitação e estrutura da perícope

A maioria dos estudiosos organiza a estrutura do texto compreendendo a perícope de Rm 5,1-11. No entanto, o tema da esperança se concentra entre os v.1-5. Pérez Millos<sup>24</sup> considera estes versículos (v.1-5) –que ele chama de “certeza da justificação”– como uma parte distinta dentro da unidade dos v.1-11, mas não desenvolve nenhuma divisão da perícope dos v.1-5. Schreiner<sup>25</sup> também considera os v.1-5 como uma unidade de assunto próprio, e julga ser o tema da esperança o núcleo desta passagem. Igualmente, Wright<sup>26</sup> considera a perícope de Rm 5,1-5 como uma unidade textual que ele intitula “paz, paciência e esperança”, e que está inserida na seção de Rm 5,1-11. Da mesma forma, este estudo considera Rm 5,1-5 como uma unidade literária e propõe a seguinte estrutura do texto:

<sup>23</sup> Nicholas T. Wright, *The letter to the Romans. Introduction, commentary and reflections* (Nashville: Abingdon Press, 2002), 517.

<sup>24</sup> Pérez Millos, *Romanos*, 380.

<sup>25</sup> Thomas R. Schreiner, *Romans* (Grand Rapids: Baker Academic, 1998), 276.

<sup>26</sup> Wright, *The letter to the Romans*, 514-515.

- A: Os frutos da justificação pela fé e introdução do tema da esperança (v.1-2);
- B: Introdução ao tema das virtudes (v.3a);
- C: Desenvolvimento das virtudes (v.3b-5a);
- D: Conclusão trinitária (v.5bc).

A estrutura proposta considera a delimitação do texto como Rm 5,1-5 levando em conta que o substantivo “*ἐλπίς/esperança*” configura o centro da argumentação de Paulo. A partir do v.6, “o apóstolo dos gentios (Rm 11,13; 2 Tm 2,7)<sup>27</sup> volta a abordar o tema da justificação/reconciliação, caracterizando um outro tema que, embora esteja no mesmo contexto, não representa uma continuidade no desenvolvimento do assunto. A perícope Rm 5,1-5 mais parece uma interrolocação que, porém, não compromete a ideia da justificação trabalhada por Paulo.

#### 1.4. Gênero literário

Se há um texto redigido, há um ou mais gêneros literários que servem como padrão de estrutura para compô-lo. No caso da perícope de Rm 5,1-5 há, evidentemente, o gênero epistolário, por se tratar de uma carta, o qual Berger denomina “epistolaria”<sup>28</sup>. Todavia, especificamente em Rm 5,1-5 o gênero argumentativo salta aos olhos. O argumento epidíctico é o mais evidente, porque Paulo utiliza recursos retóricos para falar de uma realidade melhor do que outra anterior numa construção em séries. Em razão disso, pode ser percebido que a justificação é realizada pela fé “a fim de que” os fiéis tenham paz e esperança<sup>29</sup>. Posto isto, conclui-se que o gênero literário presente aqui é uma argumentação epidíctica dentro da espistolaria predominante em todo o livro.

<sup>27</sup> Waldecir Gonzaga y André Pereira Lima, *A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7* (Porto Alegre: Fundação Fênix, 2023), 29-76.

<sup>28</sup> Klaus Berger, *As formas literárias no Novo Testamento* (São Paulo: Loyola, 1998), 252-253.

<sup>29</sup> Berger, *As formas literárias no Novo Testamento*, 98-99.

### 3. Análise Retórica Bíblica Semítica de Rm 5,1-5

Paulo recorre frequentemente ao recurso da retórica para comunicar-se com as comunidades cristãs através de suas cartas. Sendo isso observado, a partir deste ponto o estudo debruça-se sobre a análise de Rm 5,1-5 assentado no método da Análise Retórica Bíblica Semítica, desenvolvido por Meynet<sup>30</sup>. A técnica literária utilizada por Paulo difere da retórica greco-romana porque segue as leis específicas da retórica hebraica<sup>31</sup>. Isso acontece, obviamente, pelo fato de tanto Paulo como os demais autores neotestamentários serem herdeiros diretos desta forma de estruturar seus textos.

Apesar de ter nascido cidadão romano, Paulo é um judeu da Diáspora, por isso recebe um nome romano de família, *Paulus*, e igualmente um nome judeu, Saulo<sup>32</sup>. Por causa do trânsito entre estes dois mundos, possui uma formação sólida, escreve em bom grego, é conhedor tanto dos livros protocanônicos como dos deuterocanônicos da LXX, além de ser habilidoso em construções retóricas<sup>33</sup>. Sendo assim, justifica-se a escolha do método da Análise Retórica Bíblica Semítica pelo estilo paulino de produção textual –com suas repetições e paralelismos típicos da poesia hebraica–, sendo este um método que já conta com diversos trabalhos publicados no Brasil, a exemplo do que tem produzido Gonzaga<sup>34</sup>. É um trabalho que requer estudo, leitura e meditação da Palavra de Deus, primando pela autenticidade, mas com os olhos bem fixos naqueles que trilharam este caminho anteriormente, apontando para um novo percurso a partir das ponderações desta pesquisa<sup>35</sup>.

#### 3.1. Estrutura da grande seção

Há praticamente um consenso entre os estudiosos em considerar Rm 5,1-11 como uma seção dentro do bloco de Rm 5,1-21, que Moo denomina “a

<sup>30</sup> Roland Meynet, *Rhetorical analysis. An introduction to Biblical rhetoric* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998), 20-21.

<sup>31</sup> Meynet, *Rhetorical analysis*, 20-21.

<sup>32</sup> Brown, *Introdução ao Novo Testamento*, 566.

<sup>33</sup> Brown, *Introdução ao Novo Testamento*, 567.

<sup>34</sup> Waldecir Gonzaga, “O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica”, *ReBíblica* 1, n. 2 (2019): 155-170. Waldecir Gonzaga, “A estrutura literária da carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica”, *ReBíblica* 2, n. 3 (2021): 9-41.

<sup>35</sup> Waldecir Gonzaga, “Introdução”, em *Palavra de Deus na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*, org. Waldecir Gonzaga (Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2023), 9.

esperança da glória”<sup>36</sup>. A perícope de Rm 5,1-5, em estudo, trata especificamente do tema da esperança, mas inserida nesta seção como complementar ao tema de Rm 5,6-11, que trata do tema da reconciliação pela morte de Jesus. São temas complementares, mas não interdependentes; podem ser tratados separadamente como este estudo demonstra.

A partir dessas considerações preliminares, apresenta-se, então, algumas propostas de estrutura na construção do texto de Rm 5,1-11, sugeridas pelos estudos realizados pelos diversos pesquisadores da obra. A primeira proposta é da estrutura segundo Jewett<sup>37</sup>:

- 1) A pertinência de ter paz com Deus (v.1-2a);
- 2) A pertinência de gloriar-se na esperança da glória de Deus (v.2b-5a);
- 3) Experiência das implicações sobre paz e esperança (v.5b);
- 4) Discussão sobre a morte de Cristo pelos indignos (v.6-8);
- 5) Salvação futura dos pecadores (v.9-10);
- 6) Recapitação conclusiva (v.11).

Uma outra proposta de estrutura da seção Rm 5,1-11, mais compacta e com delimitações bem marcadas pelos versículos, é apresentada por Schreiner<sup>38</sup>:

- 1) A justificação pela fé (v.1-2);
- 2) A dinâmica da esperança no sofrimento (v.3-5);
- 3) O amor divino na cruz (v.6-8);
- 4) Certeza escatológica (v.9-11).

Mais uma proposta é sugerida por Keener<sup>39</sup>, também compacta como a anterior, porém separando as abordagens dos v.1-2, respeitando, da mesma forma que Schreiner, as divisões dos versículos:

- 1) A base da paz e da reconciliação (v.1);
- 2) Acesso à graça e a esperança da glória (v.2);

<sup>36</sup> Douglas J. Moo, *Romanos: comentário exegético* (São Paulo: Vida Nova, 2023), 653.

<sup>37</sup> Jewett, *Romans*, 347-348.

<sup>38</sup> Schreiner, *Romans*, 273-275.

<sup>39</sup> Craig S. Keener, *Romans: A New Covenant commentary* (Cambridge: The Lutterworth Press, 2009), 71-72.

- 3) A lógica do sofrimento (v.3-5);
- 4) O ápice do amor divino (v.6-8);
- 5) Certeza escatológica (v.9-11).

A proposta de estrutura mais compacta entre os pesquisadores consultados é a estabelecida por Pérez Millos<sup>40</sup>; no que esta pesquisa considera como uma unidade literária independente, o autor a classifica como um dos três pilares da grande seção de Rm 5,1-11. Para o autor, o tema principal desta perícope é a justificação, firmando uma relação com o assunto do capítulo anterior e estabelecendo bases para esta justificação. A divisão da seção de Rm 5,1-11 proposta por Pérez Millos se apresenta desta forma:

- 1) Segurança através da justificação (v.1-5);
- 2) Segurança através do amor de Deus (v.6-8);
- 3) Segurança pela posição alcançada em Cristo (v.9-11).

Diante das opções de estruturas apresentadas, faz-se pertinente apresentar também uma proposta de estrutura da grande seção de Rm 5,1-11, definida pelos autores do presente estudo, harmonizando com a análise do texto de Rm 5,1-5, estruturada da seguinte forma:

- A) Os frutos da justificação pela fé e introdução do tema da esperança (v.1-2);
- B) A esperança diante do sofrimento (v.3-4);
- C) Conclusão do tema da esperança com abordagem trinitária (v.5);
- D) Introdução ao tema da morte de Cristo (v.6);
- E) Argumentação sobre a eficácia da morte expiatória de Cristo (v.7-8);
- F) Justificação pelo sangue de Cristo (v.9);
- G) Desenvolvimento do tema da reconciliação através da morte de Cristo (v.10);
- H) Conclusão (v.11);

A estrutura da seção Rm 5,1-11, proposta neste estudo, visa selecionar cada parte que a compõe baseando-se no tema que cada uma aborda. Por isso, enfatiza-se o tema da esperança em Rm 5,1-5 e o da reconciliação em Rm 5,6-11, entendendo se tratar de temas independentes, todavia, complementares. A delimitação estabelecida se apoia na presença de uma moldura que envolve o texto, marcando bem o tema da seção distinguindo-a da seção seguinte

<sup>40</sup> Pérez Millos, *Romanos*, 380.

que aborda a questão do pecado e da graça. Fazendo, pois, um arranjo desta moldura, pode-se observá-la da seguinte maneira.

v.1-2: (α) Por meio de Jesus Cristo... e (β) nos gloriarmos (γ) na esperança da glória (δ) de Deus.	v.11: Podemos (β') nos gloriar (δ') em Deus... (α') por meio de Jesus Cristo (γ') recebemos reconciliação
--	--

Portanto, o início e o fim da seção se apresentam como uma moldura quiástica, em que o tema da esperança e da reconciliação são abordados com a estruturas retóricas semelhantes entre si. Nesta construção, “por meio de Jesus Cristo” a comunidade se gloria em Deus em duas realidades complementares destacadas pelo binômio esperança-reconciliação, numa brilhante elaboração literária desenvolvida por Paulo.

### 3.2. Análise Retórica de Rm 5,1-5

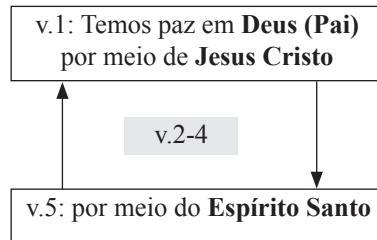
Pelo fato de Paulo conhecer a arte da retórica judaica, é mais do que pertinente examinar o texto paulino a partir da Análise Retórica Bíblica Semítica. Até pelo fato de se tratar de um texto composto a partir da mentalidade de um semita, os olhos ocidentais –lugar geográfico-cultural onde estamos– nem sempre conseguem, com suas ferramentas linguísticas, perceber os arranjos bem organizados dos textos bíblicos<sup>41</sup>. Sendo assim, o estudo aqui realizado quer ajudar a revelar a vida que está por detrás da letra fria do texto, devolver a ele a voz que lhe é própria, esta que é sempre a meta perseguida pelo estudioso da Sagrada Escritura<sup>42</sup>.

A primeira observação que se propõe é a disposição trinitária que Paulo organiza no texto, o que ajuda a justificar a delimitação de unidade literária que este estudo estabelece. Sendo assim, a ação divina na perícope de Rm 5,1-5 não se dá apenas pelo Filho ou pelo Pai, mas igualmente pelo Espírito Santo, visto que toda a Trindade é partícipe das benesses conferidas à comunidade cristã de Roma<sup>43</sup>. Na construção paulina, o Pai, o Filho e o Espírito Santo abrem e fecham a perícope, recurso que fica mais nítido no esquema a seguir.

<sup>41</sup> Meynet, *Rhetorical analysis*, 169.

<sup>42</sup> Roland Meynet, *Studi di retorica bíblica* (Torino: Claudina, 2008), 13.

<sup>43</sup> Toda ação de Deus, obviamente, é trinitária. A intenção aqui não é tratar as definições de fé que se tem agora, mas se ater ao texto, em seu lugar histórico, apontando os elementos linguísticos apresentados e que ajudam na análise textual.



Outra construção bastante interessante pode ser observada nos v.1-2. Segundo Dunn<sup>44</sup>, na Carta aos Romanos, é a primeira vez que Paulo usa o verbo “δικαιόω/*justificar*” na forma do aoristo “δικαιωθέντες/*justificados*”, o que indica uma ação divina já efetuada. Por isso, os substantivos deste intervalo estão relacionados ao ato justificatório de Deus. Sendo assim, “πίστις/*fé*”, “εἰρήνη/*paz*”, “χάρις/*graça*” e “δόξα/*glória*” estão diretamente ligados ao verbo que indica as dádivas divinas, “δικαιωθέντες/*justificados*”. Em suma, “temos graça e paz pela fé e esperamos a glória de Deus porque por Ele fomos justificados” (Rm 5,1-2).

v.1: **Justificados**, pois, pela fé,  
temos paz junto a Deus,  
por meio de Senhor Nosso, Jesus Cristo,

---

v.2: por meio do qual também temos acesso,  
[pela fé],  
a esta graça permanecemos  
na qual e nos gloriamos na esperança  
da glória de Deus.

Ainda nos v.1-2, observa-se uma construção rimada nos finais de três linhas, um recurso retórico de paralelismo chamado *homoiteleuton* (do grego ὁμοιοτέλευτον) que Paulo lança mão na sua magnífica redação e que se destaca abaixo<sup>45</sup>:

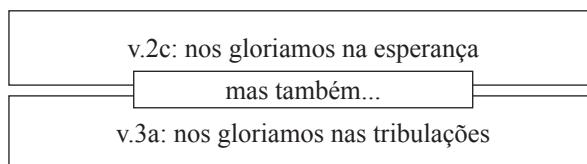
<sup>44</sup> James D. G. Dunn, *Romans 1–8. Word Biblical Commentary* (Dallas: Word Publishing, 1988), 246.

45 Jewet. *Romans*. 346.

v.1: Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως  
 εἰρήνην ἔχομεν → **ἔχομεν**  
 πρὸς τὸν θεὸν  
 διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν  
 Ἰησοῦ Χριστοῦ **ἔσχήκαμεν**

v.2: δι’ οὗ καὶ τὴν  
 προσαγωγὴν ἔσχήκαμεν → **ἔστήκαμεν**  
 [τῇ πίστει]  
 εἰς τὴν χάριν ταύτην  
 ἐν ᾧ **ἔστήκαμεν** →  
 καὶ καυχώμεθα  
 ἐπ’ ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ θεοῦ.

Nos v.2c-3a, constata-se um paralelismo antitético que revela as duas faces do motivo da vangloria da comunidade de Roma<sup>46</sup>. Dessa maneira, Paulo alerta, com extrema habilidade redacional, que os cristãos romanos estão firmados pela justificação garantida por Deus, ainda que passem por tribulações.



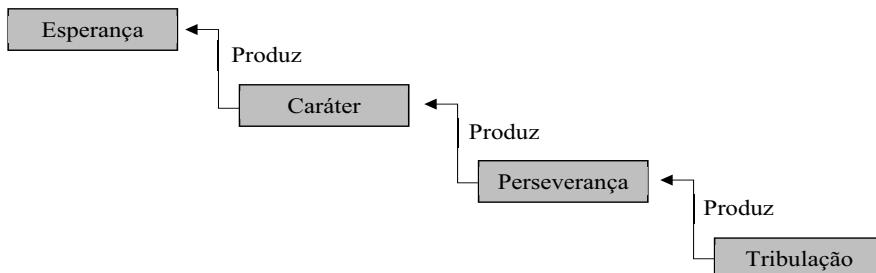
Com esta sentença, Paulo quer firmar os alicerces da fé em terreno bem firme, lembrar aos fiéis que as tribulações também são motivo de gloriarem-se, que dificuldades, provações e perseguições surgem justamente pelo motivo de eles serem seguidores de Cristo<sup>47</sup>. Viver de acordo com o Evangelho gera sofrimentos, mas também é motivo de glória/orgulho; Paulo explica esta vangloria cristã diante da tribulação nos v.3-4 construindo uma espécie de “escada ética” que descreve o avanço na vida moral<sup>48</sup>. É um recurso retórico

<sup>46</sup> Richard N. Longenecker, *The epistle to the Romans. A commentary on the Greek text* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 2016), 756.

<sup>47</sup> Frank J. Matera, *Romans. Paideia. Commentaries on the New Testament* (Grand Rapids: Baker Academic, 2010), 132.

<sup>48</sup> Matera, *Romans*, 132.

de encadeamento<sup>49</sup>, um polissilogismo conhecido na língua portuguesa como *sorites*<sup>50</sup>. Embora o texto na língua original sugira o uso de vírgulas vicárias, na tradução, optou-se por utilizar os verbos que ficariam implícitos para melhor compreensão conforme segue o esquema abaixo.



Nesta belíssima estruturação paulina, o autor quer exortar os fiéis a confiarem nas promessas de Deus, mesmo quando as coisas pareçam deveras adversas<sup>51</sup>. Num percurso crescente de virtudes, o ponto de chegada e ápice da caminhada é a esperança, a qual não decepciona (v.5) e se constitui no núcleo central de toda a argumentação de Rm 5,1-5. De fato, é no v.5 que Paulo conclui o tema da esperança e, ao mesmo tempo, faz uma preparação à conclusão da argumentação. O segmento v.5a serve como uma transição entre as duas sentenças.

A frase “ή δὲ ἐλπὶς οὐ καταισχύνει/ *e a esperança não decepciona*”, segundo Wright<sup>52</sup>, faz alusão ao Sl 22,6 e ao Sl 25,20<sup>53</sup>. Dessa forma, Paulo relembra a tradição veterotestamentária para dizer que nenhum cristão, herdeiro desta tradição, se decepcionará pela vergonha de seguir o Mestre Jesus. Contudo, há um motivo para isso. Assim, Paulo conclui esta unidade elaborando uma estupenda oração subordinada adverbial causal para deixar bem claro quem é a fonte desta esperança que não decepciona em meio às tribulações. Dessa maneira, a estrutura frasal de Rm 5,5 se dispõe como abaixo:

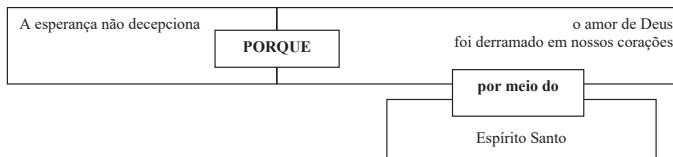
<sup>49</sup> Keener, *Romans*, 71.

<sup>50</sup> *Sorites* é uma forma de construção literária ou lógica de raciocínio onde uma série de proposições são ligadas entre si de forma que o predicado de uma se torna o sujeito da seguinte e assim por diante.

<sup>51</sup> Keener, *Romans*, 71.

<sup>52</sup> Wright, *The Letter to the Romans*, 517.

<sup>53</sup> Waldecir Gonzaga y Rogério Goldoni Silveira, "O uso de citações e alusões de salmos nos escritos paulinos", *Cuestiones Tecnológicas* 48, n. 110 (2021): 248-267.



Percorrida esta primeira análise do texto de Rm 5,1-5, pode-se notar sua riqueza muito pela competência de construção retórica de Paulo. O tema da “*ἐλπίς/esperança*” é desenvolvido com habilidade ímpar, revelando à comunidade de Roma que esta esperança se dá na glória de Deus, porque “a glória de Deus é o fim para o qual Ele criou o homem, e é por meio da obra redentora de Cristo que este fim será atingido<sup>64</sup>. Por conseguinte, pode-se propor uma estrutura retórica desta perícope conforme a seguir:

v.1: Justificados, pois, temos por meio de Jesus Cristo,	pela fé, paz junto a	Deus, Senhor Nossa,
v.2: por meio do qual também temos acesso, na qual permanecemos e nos gloriamos na de Deus.	[pela fé], a esta graça	ESPERANÇA da glória
v.3: Não somente, mas também nos gloriamos nas sabendo que a produz	tribulações, tribulação perseverança,	
v.4: e a e o	(produz) (produz)	perseverança caráter caráter ESPERANÇA
v.5: e a não decepciona porque o foi derramado em nossos corações por meio do Santo dado a nós.	amor de	ESPERANÇA Deus Espírito

<sup>54</sup> Frederick F. Bruce, *Romanos. Introduccao e comentario* (Sao Paulo: Vida Nova, 2002), 60.

#### 4. Comentário exegético-teológico

A análise de Rm 5,1-5 desenvolvida até agora tem como objetivo levantar elementos textuais para a elaboração de um comentário acerca da perícope. Percebe-se que, com a aplicação do Método de Análise Retórica Bíblica Semítica, algumas nuances do texto, que são muitas vezes imperceptíveis, saltam aos olhos de quem o lê a partir deste ponto de vista, ainda que estes estejam implícitos, por trás das palavras. O trabalho dispensado ao texto até este momento, joga luzes sobre o caminho a ser percorrido no desenvolvimento do comentário a seguir.

##### 4.1. O tema central de Rm 5,1-5

Fica evidente, depois de uma análise textual de Rm 5,1-5, que o tema do qual Paulo quer chamar a atenção da comunidade dos cristãos romanos é o da esperança. O termo “ἐλπίς/esperança” aparece três vezes nesta períope paulina. Sua importância não se dá apenas pelo número de repetições –até porque há repetições de outras expressões na períope–, mas porque Paulo coloca a esperança cristã vinculada à fidelidade de Deus, garantida na experiência histórica dos antepassados observada nesta reflexão paulina<sup>55</sup>. É uma esperança que não se deposita na ação humana, mas é resultante da justificação que Deus proporciona aos crentes, não por imposição, mas porque o amor de Deus foi derramado nos corações dos membros da comunidade de fé<sup>56</sup>.

##### 4.2. Justificados pela fé

Em Rm 5,1, Paulo avança sobre o tema da justificação abordado até então. A tônica destas primeiras linhas é a justificação como consequência da adesão confiante à pessoa de Jesus<sup>57</sup>. Apesar disso, o binômio fé-justiça está intimamente ligado à tradição judaica, da qual o cristianismo é herdeiro. Em Rm 4, Paulo trata profundamente da relação da justificação (ou justiça) com os “Pais da fé”. Assim, recorre a Abraão como exemplo de como a justificação se alcança somente pela fé, desenvolvendo, em Rm 5, as implicações da

<sup>55</sup> Pérez Millos, *Romanos*, 396.

<sup>56</sup> Longenecker, *The epistle to the Romans*, 768.

<sup>57</sup> Fitzmeyer, *Romans*, 393.

suficiência da fé e não necessidade das obras da lei<sup>58</sup>. A citação de Gn 15,6 em Rm 4,3 evidencia a preocupação paulina em deixar claro as origens da fé cristã.

Gn 15,6		Rm 4,3
TM	LXX	NA28
רְאֵה נָאָתָה כִּי־בְּקָרְבָּן כִּי־בְּקָרְבָּן	καὶ ἐπίστευσεν Ἀβραὰμ τῷ θεῷ, καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην.	τί γάρ ἡ γραφὴ λέγει: ἐπίστευσεν δὲ Ἀβραὰμ τῷ θεῷ καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην.
E ele (Abrão) creu em YHWH e isso foi creditado para ele pela justiça.	E creu <u>Abraão</u> em Deus e foi creditado a ele pela justiça.	O que, portanto, diz a Escritura: <u>creu Abraão</u> em Deus e foi creditado a ele pela justiça.

Uma observação importante a se destacar é o uso que Paulo faz da versão LXX (Septuaginta/Setenta) do Antigo Testamento, ainda que não exista, neste caso concreto, diferença semântica entre o Texto Massorético e a tradução grega. Paulo usa praticamente *ipsis litteris* o texto da LXX omitindo apenas a conjunção “καὶ/e” e atualizando o nome de Abrão para Abraão. Aqui se explicita a convicção de Paulo de que o AT fala aos cristãos em todo o tempo. Por isso, ele recorre à tradição veterotestamentária para comprovar aos cristãos que eles compartilham com Abraão a mesma base para a justificação<sup>59</sup>.

Outrossim, a “justificação”, na verdade, é um termo de ligação que fecha o tema abordado em Rm 4 e que começa a ser esmiuçado em Rm 5. Com isso, o autor quer reafirmar que as bênçãos que pertenciam a Israel como Povo de Deus, agora pertencem àqueles que estão em Cristo, na Igreja, entre os batizados, o novo Povo de Deus<sup>60</sup>. Olhando estritamente para o texto, o que “ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην/foi creditado a ele (Abraão) pela justiça”, agora se reflete nos fiéis (Igreja) já “δικαιωθέντες/justificados”, ou seja, a promessa cumprida em Abraão não perde validade, mas se atualiza na Igreja de Cristo.

O dom da fé, que encontra resposta positiva no Patriarca, tem a mesma receptividade na comunidade de Roma. Apesar das adversidades e das falsas profissões de fé proclamadas por alguns (Rm 2,17.23), os verdadeiros fiéis continuam firmes na certeza da justificação através da morte e ressurreição

<sup>58</sup> Moo, *Romanos*, 566.

<sup>59</sup> Moo, *Romanos*, 633-634.

<sup>60</sup> Schreiner, *Romans*, 273.

de Jesus. Por este motivo, Paulo usa o verbo no perfeito, “έστήκαμεν/ permanecemos” para deixar clara a continuidade da Igreja de Roma no caminho da fé verdadeira<sup>61</sup>. Viver a fé gera justificação, no sentido de que abre as portas para a ação da justiça de Deus; esta justificação gera os frutos que são os benefícios perenes decorrentes da permanência em Cristo por parte daqueles que foram justificados.

#### 4.3. Graça e paz por meio de Nossa Senhor Jesus Cristo

A saudação “graça e paz” é muito recorrente no epistolário paulino, e está igualmente presente em Rm 5,1-2. Porém, há uma curiosidade aqui nesta perícope. A sequência “χάρις καὶ εἰρήνη/graça e paz” usada como saudação é tão comum nas cartas atribuídas a Paulo, aparecem em ordem invertida na períope investigada e não mais como saudação. Embora Paulo tenha usado a fórmula usual na abertura da carta “χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη/ a vós graça e paz” (Rm 1,7), em Rm 5,1 a expressão “paz” ganha um outro valor, está diretamente em oposição à *Pax Romana* porque invoca, imediatamente, a justiça de Deus que justifica todo crente em Jesus<sup>62</sup>. Não se trata de uma paz meramente política, atrelada à condição de submissão ao Império Romano, mas de uma paz, como argumenta Fitzmeyer<sup>63</sup>, que não deve ser entendida no sentido de tranquilidade de consciência pelo perdão dos pecados, nem no sentido de ausência de conflitos, mas no sentido amplo do Antigo Testamento, o שָׁלֹם (*šālōm*) que denota a plenitude do relacionamento correto do humano para com Deus. Por isso, especificamente na construção textual de Rm 5,1-2, a “paz” vem antes da “graça”, por se tratar do primeiro efeito da justificação que o cristão experimenta.

Da mesma forma, o termo “χάρις/graça”, em Rm 5,2, possui sentido diferente daquele empregado nas saudações paulinas. Aqui se trata do domínio em que a graça reina, estando em oposição ao domínio da lei, porque o cristão não mais está “debaixo da lei”, mas “debaixo da graça”, como pode-se observar em Gl 5,4<sup>64</sup>. Sem abandonar, contudo, o sentido utilizado nas saudações que abrem muitas cartas paulinas –de falar sobre o dom gratuito de Deus (Rm

<sup>61</sup> Keener, *Romans*, 71.

<sup>62</sup> Matera, *Romans*, 131.

<sup>63</sup> Fitzmeyer, *Romans*, 395.

<sup>64</sup> Moo, *Romanos*, 659.

5,15-16) estendido à humanidade—, o autor de Rm parece querer enfatizar uma imagem cortesã, um “favor real”, onde só é possível estar na presença do rei se este estender seu favor ao suplicante, marcando assim o termo *χάρις* como característica de um relacionamento positivo entre Deus e o ser humano<sup>65</sup>.

Sintetizando, é Jesus quem nos conduz à graça de Deus; o Mistério salvífico de sua morte e ressurreição é o evento que abre passagem, que guia o crente pelo Caminho —que é Ele mesmo (Jo 14,6)—, que leva até Deus<sup>66</sup>. Em Rm 5,1-2, graça, fé e paz estão entrelaçadas, exatamente nesta ordem. Isso porque a salvação se dá por meio da graça, não dependendo da vontade humana. Como o próprio sentido da palavra se apresenta, graça é dom da vontade de Deus, dado gratuitamente à humanidade. Por meio da fé se tem acesso a esta graça; a fé é, pois, o canal para alcançá-la (Ef 2,8-9). A consequência do encontro entre fé e graça é a paz que o crente experimenta. Portanto, o trinômio graça-fé-paz se consolida nas palavras de Paulo quando ele afirma que na “*χάρις/graca*” “*έστηκαμεν/permanecemos*”; que tivemos acesso a ela “*τῇ πίστει/pela fé*”; que, por este encontro de gratuitades divinas em nós, gozamos da condição de que “*εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν θεὸν/temos paz junto a Deus*”.

#### 4.4. Virtudes forjadas na diversidade

Ao analisar Rm 5,3-4, constata-se um belíssimo encadeamento (*sorites*) que foi evidenciado na análise retórica empregada anteriormente. Paulo constrói, de maneira crescente, um conjunto de valores éticos e morais resultantes da vida baseada na fé em Cristo. Todavia, entre o final do v.2 e o início do v.3, há um paralelismo antitético já analisado antes que defende a seguinte ideia: não nos gloriamos somente na esperança da graça, mas nos gloriamos também nas tribulações; isso quer dizer que o regozijo cristão independe da situação em que a comunidade atravessa. Este paralelismo fecha o tema das benesses e introduz o tema das virtudes em meio às diversidades.

Talvez se possa dizer que Paulo esteja exortando para um fortalecimento da fé justamente através das provações; como num ditado popular: “é no fogo que se purifica o ouro”. O sofrimento e a aflição são os lugares onde a esperança se encontra e é comprovada; “a função da esperança na vida cristã é motivar e

<sup>65</sup> Dunn, *Romans 1-8*, 248.

<sup>66</sup> Pérez Millos, *Romanos*, 388.

desenvolver conduta, perseverança e caráter<sup>67</sup>. É nesta linha que Paulo traça a trajetória de tal desenvolvimento; em meio às tribulações o apóstolo Paulo inicia sua jornada.

O v.3 começa com uma típica expressão paulina, “οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ/ não somente, mas também...”, que pode ser encontrada em Rm 5,11; 8,23; 9,10; 2Cor 8,19. A sequência que afirma “καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν/nos gloriamos nas tribulações”, segundo Dunn<sup>68</sup>, pode significar aflições causadas por circunstâncias externas, mas também pode se referir às tribulações dos últimos dias (Dn 12,1; Mc 13,19.24) já que a tensão escatológica “já/ainda não” é um tema que marca Rm 5,1-11. No entanto, a primeira alternativa se mostra mais viável –sem que a segunda seja completamente descartada– porque tudo indica que Paulo fala de sofrimentos vivenciados pelos fiéis que ele mesmo também experimentou no decorrer de sua missão<sup>69</sup>.

Contudo, há de se fazer uma observação importante aqui. Em nenhum momento Paulo faz uma apologia ao sofrimento. A finalidade da expressão “nos gloriamos nas tribulações” é indicar que o cristão se gloria enquanto passa pela tribulação e não por causa dela. Não se trata de um “masoquismo religioso”, mas sim a certeza da Glória do Senhor que supera todas as dores. A afirmação chocante de Paulo quer, na verdade, chamar a atenção do leitor-ouvinte para a explicação que vem logo a seguir<sup>70</sup>.

De fato, não é desejo de Deus que o ser humano sofra. Porém, dentro do contexto das primeiras comunidades cristãs (e das atuais também), seguir o Caminho está em oposição à estrutura de poder estabelecida na sociedade romana. Ainda que o sofrimento humano não esteja nos planos de salvação de Deus, as tribulações podem render frutos importantes para o desenvolvimento da fé. É isto que Paulo quer compartilhar com a Igreja em Roma. Assim como paz e plenitude são frutos espirituais da justificação e desembocam na esperança, as implicações práticas, a começar pelas tribulações, também direcionam para a mesma esperança<sup>71</sup>. Não existem realidades espirituais e materiais separadas

<sup>67</sup> Fitzmeyer, *Romans*, 397.

<sup>68</sup> Dunn, *Romans 1-8*, 250.

<sup>69</sup> Matera, *Romans*, 132-133.

<sup>70</sup> Schreiner, *Romans*, 278-279.

<sup>71</sup> Longenecker, *The epistle to the Romans*, 766-767.

umas das outras na vida do cristão. Todas elas estão entrelaçadas e sustentadas pela mesma condição.

Sendo assim, o primeiro degrau a ser acessado neste itinerário, é o fato de a tribulação produzir perseverança. A expressão “ὑπομονή/*perseverança, firmeza, persistência, resistência*”<sup>72</sup> vem carregada de força, sendo usada frequentemente no epistolário paulino (Rm 2,7; 5,3-4; 8,25; 15,4-5; 2Cor 1,6; 6,4; 12,12; Cl 1,11; 1Ts 1,3; 2Ts 1,4; 3,5) e também em outros escritos neotestamentários (Lc 8,15; Hb 12,1; Tg 1,3-4; 1Pd 2,20; Ap 2,2-3); a utilização em Paulo quer destacar a disposição para suportar o sofrimento, o que não significa aceita-lo<sup>73</sup>. É uma palavra tão significativa que Kittel e Friedrich a definem da seguinte maneira:

...*hypomoné* se torna uma virtude proeminente no sentido de persistência corajosa. Diferente de paciência, ela tem o significado ativo de resistência enérgica, bem que não necessariamente bem-sucedida, p. ex., o ato de suportar dor pelos feridos, a calma aceitação dos golpes do destino, o heroísmo em face da punição física ou a firme recusa de suborno. A verdadeira *hypomoné* não é motivada exteriormente pela opinião pública ou pela expectativa de recompensa, mas internamente pelo amor à honra<sup>74</sup>.

Paulo usa um termo da cultura greco-romana, cuja ética afirmava que “*hypomoné*” era a virtude da resistência viril à pressão adversa, considerada essencial para o soldado ou cidadão”<sup>75</sup>. Dessa forma, há um reforço no sentido de ter em mente que a perseverança deve ser experienciada como uma resistência ativa, como uma resposta ao mundo, lembrando os exemplos dos “heróis da fé” (Hb 11,36-38), porque o mundo corrupto, de fato, nunca será digno daqueles justificados pela fé<sup>76</sup>.

Se a tribulação produz perseverança, esta produz caráter. A palavra “δοκιμή/*caráter*” aparece aqui pela primeira e única vez na Carta aos Romanos e a chave para seu significado, neste contexto, está no teste de qualidades

<sup>72</sup> Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotti y Maria Helena de Moura Neves, “ὑπομονή”, en *Dicionário grego-português* (Cotia: Ateliê Editorial, 2006), 181.

<sup>73</sup> Dunn, *Romans* 1-8, 251.

<sup>74</sup> Gerhard Kittel y Gerhard Friedrich, “*Hypomoné*”, en *Dicionário teológico do Novo Testamento* Vol. 1, ed. por Daniel G. Reid (São Paulo: Cultura Cristã, 2013), 645.

<sup>75</sup> Jewett, *Romans*, 353-354.

<sup>76</sup> Pérez Millos, *Romanos*, 393.

através do desempenho em batalha ou na vida pública da cultura grega e da cultura judaica, como descrita em *Leis* 754d de Platão, na *Fábula* 274.17 de Esopo e em *Guerra Judaica* de Flavio Josefo<sup>77</sup>. Assim, δοκιμή não expressa apenas um caráter como formação das características morais de uma pessoa, mas no contexto cultural no qual Paulo está inserido, é aquilo que foi aprovado num escrutínio, que passou pela prova, em última instância, um caráter comprovado<sup>78</sup>. Assim, esse “caráter provado” é resultante da perseverança exercitada durante o período de tribulação, onde a fé genuína é comprovada<sup>79</sup>.

Entretanto, a escalada moral não se encerra na formação do caráter da pessoa de fé provada. Existe uma resultante nesta equação. E é justamente neste momento onde Paulo se distingue dos pensadores de sua época. Enquanto o pensamento greco-romano considerava o caráter como virtude final, Paulo avança para uma esperança escatológica<sup>80</sup>. Aqui nos v. 3-4 está o clímax do texto. A redação paulina é construída de maneira a destacar justamente o tema da esperança cristã. É um tema tão central que merece um pouco mais de dedicação.

#### 4.5. A esperança não decepciona

A esperança é um tema tão central em Rm 5,1-5, que Paulo usa a palavra “ἐλπίς/esperança” por três vezes nesta perícope. Em toda a Carta aos Romanos, o termo ἐλπίς, com suas variações, é empregado por 13 vezes. Por aí, é possível perceber a importância que Paulo confere ao tema da esperança direcionada à Igreja em Roma. Por isso, o caráter provado não poderia produzir outra coisa senão esperança.

O uso do tempo verbal no presente, “οὐ καταισχύνει/ não decepciona”, indica que a esperança provoca um efeito já no momento em que a Igreja vive, diferentemente da cultura judaica que creditava essa “não decepção” a um evento futuro<sup>81</sup>. E é justamente aquela esperança na Glória de Deus (v.2c), sobre qual, Paulo agora diz que ela não causa decepção e não envergonha. Por

<sup>77</sup> Jewett, *Romans*, 353-354.

<sup>78</sup> Henry George Liddell y Robert Scott, “δοκιμή”, en *A Greek-English Lexicon* (Oxford: Clarendon Press, 1996), 442.

<sup>79</sup> Keener, *Romans*, 71.

<sup>80</sup> Matera, *Romans*, 132.

<sup>81</sup> Dunn, *Romans* 1-8, 252.

isso, o cristão nunca será humilhado por uma esperança frustrada, pois sua esperança está garantida no amor de Deus pela humanidade<sup>82</sup>. Este conceito de esperança do cristianismo primitivo é onde Paulo se debruça. Tal compreensão cristã parece estar intimamente ligada à maneira do judaísmo helenístico pensar a respeito da esperança. Depositá-la em Deus a despeito das garantias terrenas, é um tema que está presente tanto no judaísmo helenístico quanto nas primeiras comunidades cristãs. Também há uma visão escatológica acerca da restauração de Israel que o cristianismo atualiza através da salvação em Jesus Cristo e a vive já, na certeza de que a consumação dos tempos trará fim à esperança, porque esta passará a ser realidade plena na Glória de Deus<sup>83</sup>.

Portanto, ao falar de esperança, Paulo fala à Igreja, mas está profundamente conectado com a tradição judaica. A esperança que não decepciona (ou não envergonha) é um conceito que tem suas raízes no Antigo Testamento (Sl 22,6; 25,3.20; 119,116; Is 28,16) garantindo que aqueles que confiam em Deus serão justificados por sua fé<sup>84</sup>. Todavia, há uma diferença, nem tão sutil, entre a tradição judaica e a teologia paulina. Enquanto o Antigo Testamento, especialmente os Salmos, entende que a esperança se deposita nas vitórias terrenas, Paulo apresenta uma revolução teológica: a vergonha é vencida na experiência presente da graça; a vitória sobre a vergonha já acontece quando o crente, unido a Cristo, permanece na graça; a esperança cristã não está atrelada a promessas de compensação material<sup>85</sup>.

Essa é a novidade trazida por Paulo. Embora a tradição veterotestamentária deposite sua esperança em Deus, na Carta aos Romanos há uma ruptura com as recompensas terrenas. A esperança cristã é vivida por causa da experiência histórica que comprova sua realidade, não mais necessitando de uma retribuição material<sup>86</sup>. É nesse movimento de “confiar na incerteza” que se comprehende que “a esperança cristã, por sua vez, por estar fundamentada na justificação pela fé, implica em si mesma uma dimensão inquebrantável de firmeza, derivada da

<sup>82</sup> Fitzmeyer, *Romans*, 398.

<sup>83</sup> Kittel y Friedrich, *elpis*, en Dicionário teológico do Novo Testamento, ed. por Daniel G. Reid, 255, São Paulo: Cultura Cristã, 2013, Vol. 1.

<sup>84</sup> Schreiner, *Romans*, 280.

<sup>85</sup> Jewett, *Romans*, 355-356.

<sup>86</sup> Pérez Millos, *Romanos*, 396.

justiça salvadora do próprio Deus”<sup>87</sup>. Portanto, a justificação presente logo no primeiro versículo da perícope analisada neste estudo, acontece pela fé, mas é a esperança que salva o cristão.

Ainda sobre o tema da esperança no Novo Testamento, McKenzie<sup>88</sup> considera que o conceito teológico de esperança foi mais amplamente desenvolvido por Paulo, especialmente na Carta aos Romanos. Ele faz uma observação doxológica bem interessante; compara a esperança na glória de Deus com a glória dos cristãos em Rm 5,2. Há uma relação direta do verbo “καυχάομαι/vangloriar-se, orgulhar-se” com o substantivo “δόξα/glória, honra”. Isso não significa dizer que a glória humana se equivale à gloria divina, mas que a primeira é essencialmente dependente da segunda. É a esperança na glória de Deus que confere glória à humanidade. No final das contas, o cristão é salvo pela esperança, embora seja justificado pela fé<sup>89</sup>. McKenzie ainda afirma que “a esperança é, assim, uma âncora sólida e segura (Hb 6,18s); não é só fruto da paciência, mas também motivo de paciência”<sup>90</sup>. Contudo, a esperança cristã fundamenta-se na glória de Deus não apenas simplesmente por este esplendor. Há esperança porque o amor de Deus quer tocar a todos. É pelo motivo de Deus amar a humanidade que a igreja vive na esperança. Gloria-se na glória de Deus porque seu amor transborda sobre todas as mulheres e todos os homens, abrindo a possibilidade de que todos estejam n’Ele.

#### 4.6. O amor trinitário onde esperançamos

Até agora, tudo que foi visto aborda o tema da esperança a partir das situações antagônicas de paz e tribulação. Paulo enfatiza a condição esperançosa da comunidade de fé em Roma que deve ser presente tanto em situações favoráveis quanto em situações adversas. Quem alimenta essa esperança é o próprio Deus. E é assim que Paulo constrói o fechamento de Rm 5,1-5. Depois de falar de como se chega até à vivência da esperança a partir da tribulação, ele revela a causa dessa esperança nunca decepcionar: o amor de Deus foi derramado nos corações dos fiéis. Mas, esse Deus é revelado como Uno-Trino

<sup>87</sup> Romano Penna, *Carta a los romanos. Introducción, versión y comentario* (Estella, Navarra: Verbo Divino, 2013), 525.

<sup>88</sup> John L McKenzie, “Esperanza”, en *Dicionário bíblico* 276, São Paulo: Paulus, 1983.

<sup>89</sup> McKenzie, “Esperanza”, 276.

<sup>90</sup> McKenzie, “Esperanza”, 277.

em toda a perícope. É sobre esse amor trinitário que suscita o sentimento de esperança na comunidade que se aborda a partir de agora.

Para falar de amor neste texto, Paulo usa o termo “ἀγάπη/amor”, que se distingue de φιλία e de ἔρως, palavras gregas que também são traduzidas como amor, mas que têm aplicações diferentes do termo ἀγάπη. Este substantivo aparece 117 vezes no Novo Testamento, na maioria das vezes em sentido moral; apenas por 14 vezes ἀγάπη tem a função de falar do amor de Deus, e uma dessas é justamente em Rm 5,5, pertencente à perícope estudada nesta pesquisa<sup>91</sup>. Na concepção paulina do amor de Deus, este se apresenta como uma variação semântica da justiça divina, numa ação unilateral de Deus inteiramente em favor do ser humano, um amor completamente gratuito que não pode ser equiparado ao φιλία e ao ἔρως, formas de amor que necessitam de alguma motivação ou retribuição<sup>92</sup>. Um detalhe importante a ressaltar é a presença da partícula “ὅτι/porque” indicando que o motivo da esperança não é nenhuma vitória sobre inimigos, superação do sofrimento ou coisa parecida, mas sim o amor de Deus derramado nos corações<sup>93</sup>.

O verbo “ἐκχέω/derramar” sugere algo que transborda, que rompe barreiras de contenção. Seu uso no pretérito perfeito, “ἐκκέχυται/derramado”, aponta para uma realidade já vivida, não mais como uma condição futura, “ἐκχεῶ/derramarei”, como em Jl 3,1, ou como uma promessa pela qual se aguarda<sup>94</sup>. A comunidade de Roma vive a mesma experiência de toda a Igreja, o desdobramento do evento do Cenáculo, sendo inundada por essa ação de amor de Deus através do Espírito, marcada pela linguagem confiante e esperançosa de Paulo “ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν/derramado em nossos corações”<sup>95</sup>. O Pentecostes, então, não se mostra um evento estático, parado no tempo, mas é uma realidade contínua, que acontece permanentemente na Igreja. Assim, o amor de Deus é derramado na Igreja por meio do Espírito, porque toda a ação divina procede do Espírito, artífice da criação<sup>96</sup>.

<sup>91</sup> Penna, *Carta a los romanos*, 526.

<sup>92</sup> Penna, *Carta a los romanos*, 527.

<sup>93</sup> Jewett, *Romans*, 356.

<sup>94</sup> Jewett, *Romans*, 356.

<sup>95</sup> Dunn, *Romans 1–8*, 265.

<sup>96</sup> Jürgen Moltmann, *The Trinity and the Kingdom* (New York: SCM Press, 1981), 127.

É pelo Espírito que o amor de Deus transborda e é derramado no coração da Igreja. No entanto, não há movimento de Deus que aconteça exclusivamente por apenas uma das Pessoas Divinas. Ainda que a processão seja pneumatológica, toda a Trindade participa deste permanente Pentecostes, porque as três Pessoas são amalgamadas pelo amor que, na verdade, é sua essência. Como afirma Oliveira<sup>97</sup>:

As divinas Pessoas não são três solteirões que vivem isoladamente, cada um cuidando de si. São três que se amam tanto, a ponto de se tornarem uma só coisa, uma só realidade, um só ser divino. O amor dos três e entre os três é tão forte e tão profundo que faz deles uma única essência divina. Na divina Trindade, quem ama e quem é amado se identificam. Amar e ser amado são idênticos, são a mesma coisa. O amante e o amado fazem uma só coisa, uma só realidade.

Por isso, Paulo faz uma correlação direta entre “ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν/ *o amor de Deus derramado em nossos corações*” e a ação pneumatológica “διὰ πνεύματος ἀγίου/ *por meio do Espírito Santo*”. Com isso, reforça-se a ideia de que Deus se manifesta por meio do Espírito Santo para comunicar seu amor imensurável pela humanidade<sup>98</sup>. Porém, o que o Apóstolo tem por intenção é mostrar a dimensão trinitária desta ação, fazendo, nesta conclusão, uma ligação direta do Espírito com o Pai e o Filho, já mencionados no v.1. Isso pelo motivo de já estar presente na teologia paulina a procedência do Espírito vindo do Pai através do Filho, pois, o “Espírito de Deus (Pai)” é o mesmo “Espírito de Cristo (Filho)”<sup>99</sup>.

Nesta relação dialógica de amor, Deus oferece, de maneira transbordante e gratuitamente, seu amor ao ser humano e este responde positivamente num ato de fé, sendo, por isso, justificado. É o amor o laço que coaduna a relação entre Deus e seu Povo (ou sua Igreja). “O amor de Deus é um amor que se doa e se entrega, cuja expressão sempre inclui o bem-estar de seu povo e de toda a sua criação”<sup>100</sup>. Por esse motivo, a esperança não decepciona (Rm 5,5), pois, a Igreja a vive iluminada pelo amor divino. E o amor de Deus não é φιλία e

<sup>97</sup> José L. M. Oliveira, *O amante, o amado e o amor. Breves reflexões sobre o Deus de Jesus* (São Paulo: Paulus, 2017), 81.

<sup>98</sup> Pérez Millos, *Romanos*, 396.

<sup>99</sup> Moltmann, *The Trinity and the Kingdom*, 126.

<sup>100</sup> Longenecker, *The epistle to the Romans*, 768.

tampouco ἔρως, mas sim ἀγάπη, um amor pleno “que não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade” (1Cor 13,5-6).

## Conclusão

Analizar Rm 5,1-5 a partir da perspectiva da esperança cristã abre um leque de possibilidades. Dos exegetas consultados, percebe-se menor abordagem a respeito do tema da esperança. A justificação e o amor divino parecem ganhar mais a atenção entre os estudiosos. Como em nenhum momento este estudo teve a pretensão de finitude, outras pesquisas que aprofundem o tema da esperança na Carta aos Romanos dariam uma contribuição importante para o mundo da exegese, além de serem um valoroso subsídio na formação das lideranças nas comunidades de fé, sobretudo pensando nas perspectivas bíblico-teológico-pastorais.

Neste estudo, porém, a esperança mostra-se como o resultado da ação trinitária gratuita, onde o Amante, o Amado e o Amor não poderiam ter outra relação com a humanidade senão amá-la, porque em Deus só o amor é possível. Experimentar um amor que transborda resulta, nas comunidades romanas do séc. I d.C., uma vida impregnada de esperança. Não se trata de confiar em retribuições materiais, mas de esperar a glória de Deus que alcançará a todos os que creem. É um esperar na paz e na tribulação, um perseverar até que Deus seja tudo em todos no dia que nunca terá fim, no *dies domini*. A experiência da Igreja de Roma que Paulo nos descreve deve servir de motivação também para nossa peregrinação eclesial hodierna.

Esperar é possível e necessário. O mundo carece, urgentemente, do testemunho daqueles que vivem na esperança, que sabem da existência de um amor que garante a vitória final. Quando escreve aos Romanos, Paulo fala também a nós, nos tempos atuais. Se experimentamos o amor de Deus que foi derramado em nossos corações, somos nós este farol que dissipá a escuridão do derrotismo com a luz da esperança.

Enfim, neste Ano Jubilar de 2025, a Igreja nos convida a sermos referência de felicidade para o mundo, a felicidade de quem sabe ser amado por um Amor que nunca desilude e nada pode separá-lo de nós, de um amor

que não decepciona (Rm 5,5), como indicou o Papa Francisco na Bula *Spes non confundit* (SnC 21). Por isso, vivemos na esperança da glória de Deus, caminhando a mesma estrada da Igreja de Roma do séc. I d.C. Peregrinamos esperançosos, alimentados pelo binômio esperança-reconciliação, mostrando para o mundo que é possível trilhar caminhos da confiança em um futuro melhor.

## Referências

- Bauckham, Richard. *Jesus and the eyewitnesses. The Gospels as eyewitness testimony*. Grand Rapids: Eedermans, 2006.
- Berger, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.
- Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.
- Blass, Friedrich y Alfred Debrunner. *A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1961.
- Boring, Maynard E. *Introdução ao Novo Testamento. História, literatura, teologia*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulinas, 2015.
- Bornkamm, Günther. *Paulo, vida e obra*. Santo André: Academia Cristã, 2009.
- Brown, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- Bruce, Frederick F. *Romanos. Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- Concílio Ecumênico Vaticano II*. “Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina”. São Paulo: Paulinas, 2017.
- Dunn, James D. G. *Romans 1–8. Word Biblical Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1988.
- Fitzmeyer, Joseph A. *Romans. A new translation with introduction and commentary. The Anchor Bible. V. 33*. New York: Doubleday, 1993.
- Francisco. “Bula de proclamação do Jubileu ordinário do ano 2025 *Spes non Confundit*”. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509\\_spes-non-confundit\\_bolla-giubileo2025.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html).

- Freedman, David N. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.
- Gonzaga, Waldecir. “A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia”. Páginas 201-235 en *Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios*. Editado por Mazzarollo, Isidoro, Leonardo Agostini Fernandes y Maria de Lourdes Corrêa Lima. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015.
- Gonzaga, Waldecir. *Os conflitos na Igreja primitiva entre judaizantes e gentios a partir das cartas de Paulo aos Gálatas e Romanos*. Santo André: Academia Cristã, 2015.
- Gonzaga, Waldecir. “O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento”. *Atualidade Teológica* 21, n. 55 (2017): 19-41. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>
- Gonzaga, Waldecir. “O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica”. *ReBiblica1*, n. 2 (2019): 155-170. Acesso pelo link: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/ReBiblica/article/view/32984>. DOI da revista: <https://www.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922>.
- Gonzaga, Waldecir. “A estrutura literária da Carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica”. *ReBiblica* 2, n. 3 (2021): 09-41. <https://www.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2021v2n3p9>.
- Gonzaga, Waldecir. *Compêndio do Cânon Bíblico. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos*. Rio de Janeiro, EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.
- Gonzaga, Waldecir, Diego da Silva Ramos e Ygor Almeida De Carvalho Silva. “O uso de citações, alusões e ecos do Antigo Testamento na epístola de Paulo aos Romanos”. *Kerygma* 15, n. 2 (2021): 9-31. <http://dx.doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v15.n2.p9-31>
- Gonzaga, Waldecir y Rogério Goldoni Silveira. “O uso de citações e alusões de salmos nos escritos paulinos”. *Cuestiones Teológicas* 48, n. 110 (2021): 248-267. <https://doi.org/10.18566/cueteo.v48n110.a04>

- Gonzaga, Waldecir. “Introdução” a *Palavra de Deus na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*. Editado por Gonzaga, Waldecir [et alii]. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2023, 7-17.
- Gonzaga, Waldecir y André Pereira Lima. “A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7”. Páginas 29-76 en *Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas epístolas do Novo Testamento*. Editado por Gonzaga, Waldecir [et al.]. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023. <https://doi.org/10.36592/9786554600835-01>
- Gonzaga, Waldecir. *A verdade do Evangelho* (Gl 2,5.14) e a autoridade na Igreja. Gl 2,1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias. História, balanço e novas perspectivas. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.
- Gonzaga, Waldecir. *O Cânon Bíblico do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.
- Jewett, Robert. *Romans. A commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 2006.
- Keener, Craig S. *Romans. A New Covenant Commentary*. Cambridge: The Lutterworth Press, 2009.
- Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. *Dicionário teológico do Novo Testamento. Vol. 1*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- Klauck, Hans-Josef. *Lettere di Giovanni*. Brescia: Paideia Editrice, 2013.
- Lidell, Henry George y Robert Scott. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- Lima, Maria de Lourdes C. *Exegese bíblica: teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- Longenecker, Richard N. *The epistle to the Romans. A commentary on the Greek text*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 2016.
- Louw, Johannes y Eugene Nida. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- Malhadas, Daisi, Maria Celeste Consolin Dezotti y Maria Helena de Moura Neves. *Dicionário grego-português*. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.
- Matera, Frank J. *Romans. Paideia: Commentaries on the New Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2010.
- McKenzie, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

- Meynet, Roland. *Rhetorical Analysis. An introduction to Biblical Rhetoric*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- Meynet, Roland. *Studi di retorica biblica*. Torino: Claudiana, 2008.
- Moltmann, Jürgen. *The Trinity and the Kingdom*. New York: SCM Press, 1981.
- Moo, Douglas J. *Romanos. Comentário exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2023.
- Nestle, Eberhard y Kurt Aland, eds. *Novum Testamentum Graece*, 28th edition. Stuttgart: Deustche Bibelgesellschaft, 2012.
- O'Callaghan, José. *A formação do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- Oliveira, José L. M. *O amante, o amado e o amor. Breves reflexões sobre o Deus de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2017.
- Paroschi, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- Penna, Romano. *Carta a los Romanos. Introducción, versión y comentario*. Estella, Navarra: Verbo Divino, 2013.
- Pérez Millos, Samuel. *Romanos. Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento*. Barcelona: Clie, 2011.
- Pitta, Antonio. *Cartas paulinas*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- Schreiner, Thomas R. *Romans: Baker exegetical commentary on the New Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 1998.
- Scholz, Vilson. *O Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
- Wright, Nicholas T. *The letters to the Romans. Introduction, commentary and reflections. Vol X*. Nashville: Abingdon Press, 2002.

Artículo presentado en 02.07.2025 y aprobado en 08.08.2025

Waldecir Gonzaga possui Doutorado (2006) e Mestrado (2000) em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália); um primeiro Pós-Doutorado, pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil, em 2017); e um segundo Pós-Doutorado, pela PUC-RS (Porto Alegre, Brasil, em 2025). Atualmente é diretor e

professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. É criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/369991>). E-mail: waldecir@hotmail.com; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477>; ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>.

Marcelo Lessa é Mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: mslessa@gmail.com; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7590022074208745>; ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0001-7481-6403>.